

A CIÊNCIA ROMÂNTICA DE A.R. LURIA E A NARRATIVA NO GÊNERO CIENTÍFICO E LITERÁRIO

Marcus Vinicius Borges Oliveira¹
Thalita Cristina da Souza Cruz²

Resumo:

Este artigo busca discutir a narrativa como método científico, enfatizando seu papel no desenvolvimento da chamada “ciência romântica”, sobretudo nas obras de A. R. Luria, considerado um dos mais relevantes representantes desta vertente. Baseando-nos em conceitos Bakhtinianos, tentaremos caracterizar as nuances da ciência romântica enquanto gênero científico e literário, e demonstrar como o autor constrói sua narrativa entre o ético e o estético. Finalizaremos discutindo como este autor influenciou trabalhos posteriores na área que ficaram consagrados pela qualidade da narrativa, como é o caso dos trabalhos de Oliver Sacks.

Palavras-chave: narrativa, A. R. Luria, ciência romântica

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal da Bahia, Doutorado em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP)

² Doutorado em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP)

Abstract:

This paper aims to discuss the use of narrative as a scientific method, emphasizing its role in the development of the so-called "Romantic Science", focusing mainly on works by A. R. Luria, considered one of the most relevant representatives of this strand. Based on Bakhtinian concepts, we will try to characterize the nuances of the "Romantic Science" as a scientific and literary, and to demonstrate how the author constructs his narrative between the ethical and the aesthetic. We will conclude by discussing how this author influenced later works in the area and that were consecrated by the quality of the narrative, as is the case of the works of Oliver Sacks.

Key-words: narrative, A. R Luria, romantic science

1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo discutir a narrativa luriana como método na chamada "ciência romântica". Para isto, partimos de um breve resgate do histórico deste tipo de trabalho, focalizando em duas obras do autor russo A. R. Luria em que esta técnica pode ser observada: *O homem com o mundo estilhaçado* e *A mente e a memória – Um pequeno livro sobre uma vasta memória*. Baseando-nos em conceitos Bakhtinianos e em comentários do próprio Luria sobre a importância da ciência romântica, tentaremos caracterizar as nuances deste gênero em seus aspectos científicos e literários, e demonstrar, sobretudo, como o autor constrói sua narrativa entre o ético e o estético. Finalizaremos discutindo como este autor influenciou trabalhos posteriores na área e que ficaram consagrados pela qualidade da narrativa, como é o caso dos trabalhos de Oliver Sacks, influenciados pelo autor e considerados obras literárias por sua qualidade.

2. ALEXANDER ROMANOVICH LURIA, UM BREVE HISTÓRICO

No início do último capítulo de sua autobiografia, A. R. Luria (1992:179) trata da ciência romântica, assunto central deste texto e cita um trecho de Goethe: “Cinzas são as teorias, mas sempre verde é a árvore da vida”. Ter isto em mente é um bom ponto de partida para este texto, que nos alerta para não descrever somente o cientista, tal qual uma figura abstrata, mas, sim, tentar mostrar como a narrativa de Luria pode nos demonstrar diferentes facetas de um autor real, singular, ainda que assuma diferentes papéis identitários: de neuropsicólogo, clínico, soviético, estudante, escritor, etc...

Luria³ nasceu em Kazan, uma cidade a 600 milhas a leste de Moscou, em 1902. Tinha 15 anos quando irrompeu a revolução. Segundo o mesmo (1992), antes deste período as classes eram rigidamente divididas, até que com a revolução de 1917, ao derrubar as barreiras entre as classes, surgem novas perspectivas e oportunidades possíveis dentro de um grandioso movimento histórico.

Aos 17 anos entra na universidade de Kazan, na faculdade de ciências sociais. Uma das preocupações já existentes naquela época, para o jovem Luria (1992:27), era querer “uma psicologia que se aplicasse às pessoas de fato, na sua vida real, e não uma abstração intelectual em um laboratório”. Luria gradua-se em 1921. Em reflexão feita pelo próprio autor sobre este período de sua vida, ele diz que apesar da aparência superficial do seu trabalho ter mudado, os temas centrais dos seus primeiros esforços subsistiram.

Já em Moscou, em 1924 conhece Vygotsky. Junto a Leontiev eles formam um grupo que seria chamada de

³ Não nos estenderemos em recriar o contexto histórico em que surgiu Luria, considerando a existência de outros textos que tratam do tema e também do valor inestimável de sua autobiografia. Elencaremos aqui os principais fatores de sua formação, de maneira concisa para o propósito deste texto.

Troika⁴. Com Vygotsky, Luria se viu com um grande aliado que compartilhava dos mesmos interesses, que identificava a crise pela qual a psicologia se encontrava na época, e que era o principal teórico marxista dos reconhecidos:

Não é exagero dizer que Vygotsky era um gênio. Em mais de cinco décadas de trabalho em meio científico, nunca mais encontrei qualquer pessoa cujas qualidades se aproximassem das de Vygotsky: sua clareza mental, sua habilidade na identificação da estrutura essencial de problemas complexos, a extensão de seu conhecimento em diversos campos, e a capacidade que tinha de antever o desenvolvimento futuro de sua ciência (LURIA, 1992:43).

Luria trabalhou com Vygotsky por dez anos e, após este período, seus relatos mais interessantes são relativos aos seus trabalhos com as afasias; com os feridos durante a segunda guerra mundial; com o desenvolvimento de gêmeos; sobre diferenças culturais – através de diversas pesquisas realizadas em assentamentos nômades do Uzbequistão e Khigizia e com o próprio desenvolvimento da ciência romântica – uma preocupação metodológica constante em Luria.

No entanto, se podemos definir algo que estava no centro da pesquisa de Luria, esta seria a questão da consciência, sobretudo, o processo de desenvolvimento histórico que, junto com os demais autores da Troika, denominou “sistema psicológico”. Para isso, dedicou grande parte de seus trabalhos junto aos demais participantes da Troika, sobretudo ao lado de Vygotsky.

⁴ Troika foi o nome dado ao grupo formado por Vigotski, Luria e Leontiev e que foram considerados os fundadores das pesquisas histórico-culturais na extinta União Soviética.

3. A CIÊNCIA ROMÂNTICA DE LURIA

Assim como Bruner (2006:XV), acreditamos que a ciência romântica não é apenas mais um aspecto ou uma “extravagância dos últimos anos de vida de Luria”, como diria o próprio autor, mas que é um dos ideais que o definem. Mais do que um tópico, trata-se de uma das “preocupações filosóficas centrais de Luria desde o princípio”.

Quais são as características que fazem da narrativa de investigação clínica de Luria, uma ciência romântica? Partimos da própria distinção e descrição feita pelo autor em que ele marca a oposição entre os cientistas clássicos e os românticos:

Os eruditos clássicos são aqueles que encaram os eventos em termos de suas partes componentes. Passo a passo, isolam elementos e unidades importantes, até serem capazes de formularem leis gerais e abstratas (LURIA, 1992:179).

Desta forma, segundo o autor, tais estudiosos perdem a riqueza dos detalhes da realidade viva, pois não se atém a olhar os detalhes e os processos envolvidos: sua maior preocupação é a descrição de uma lei geral para um determinado fenômeno. Já os eruditos românticos são exatamente opostos, “não querem fragmentar a realidade viva em seus componentes elementares, e tampouco representar a riqueza dos eventos concretos através de modelos abstratos que perdem as propriedades dos fenômenos em si mesmos”(LURIA, 1992:179).

Para os românticos, é importante que a realidade viva seja descrita da melhor forma possível, a fim de que não se perca aquilo que confere “cor”; que não se perca a unidade em elementos dissociados. Entre os limites deste método está “a falta de lógica e do raciocínio cuidadoso, consecutivo, que pode chegar em formulações sólidas e universais” (Luria, 1992:179).

O autor viveu este dilema com intensidade, mesmo o encontro com Vigotski é permeado pela possibilidade

de enfrentar essa crise, a dúvida sobre qual método é mais adequado para compreensão da *realidade viva* (LURIA, 1992:179). Luria cita os progressos da medicina, sempre mais e mais excludentes da “realidade da atividade consciente humana” (LURIA, 1992; 181), como o progresso científico e tecnológico:

No último século, quando eram raros os métodos auxiliares de laboratório, a arte da observação e da descrição clínicas atingiu seu ápice. Não é possível que se leiam as clássicas descrições dos médicos J. Lourdau, A. Troussseau, P. Marie, J. Charcot, Wernicke, Korzakoff, Head, e A. Meyer, sem atentar à beleza da arte científica. Hoje esta arte da observação e da descrição está quase perdida (LURIA, 1992:182)

Ainda que Lourdau, neuropsicólogo francês, seja considerado um dos fundadores da ciência romântica, é com Luria que essa se propaga. Já na primeira metade do século XIX, Lourdau já apresentava como base para seus estudos de caso – principalmente no estudo das afasias – o uso de narrativas e excertos de depoimentos dos próprios pacientes. Mas Luria pode ser considerado um grande difusor de tal metodologia, não apenas pelo grande número de obras e a circulação das mesmas, como pelo seu esforço em difundir-la como uma narrativa científica, como forma de driblar o reducionismo classista. De acordo com o autor:

A observação científica não é pura descrição de fatos separados. Sua meta principal é visualizar um evento a partir do maior número possível de perspectivas. O olho da ciência não sonda uma “coisa”, um evento isolado de outras coisas ou eventos. Seu verdadeiro objeto é ver e entender a maneira pela qual uma determinada coisa ou objeto se relaciona com outras coisas ou objetos (LURIA, 1992:182).

Para Luria, dentro do âmbito clínico, havia uma espécie de consciência acerca do papel das características narrativas na abordagem dos casos. O próprio Luria, em carta a Oliver

Sacks, diria que a capacidade de descrição clínica de casos, tão comum nos grandes neurologistas e psiquiatras do século XIX, não tem espaço no seu tempo.

Falando francamente, por mim prefiro muito mais o tipo de estudo “biográfico”[...] em primeiro lugar por ele ser uma espécie de “ciência romântica” que eu queria introduzir, e, em parte, porque sou firmemente contrário a uma abordagem estatística formal e favorável a um estudo quantitativo da personalidade, favorável a toda tentativa de encontrar fatores subjacentes à estrutura da personalidade... (LURIA, carta de 19 de Julho de 1973 APUD SACKS, 2008:12).

Como já afirmado por Novaes Pinto (1999), se faz importante que um tratamento qualitativamente diferente daquele dado pela Neuropsicologia e Neurolinguística tradicional, já existente nos afasiologistas do século XIX, que, na falta de uma ciência linguística, tinham mais totalizante e contextualizada de cada caso clínico. De certa forma, Luria tinha como propósito renovar um gênero quase esquecido em sua época. Para Bruner (2006:XI), Luria teria inventado um gênero que reflete uma mudança de paradigma, uma mudança filosófica, que contribui para “libertar as ciências humanas do enfadonho cativo do positivismo do século XIX”.

Por mais que tenha escrito diversos livros e artigos com abordagem clássica, um leitor atento logo perceberá que tais livros também tem sua dose de “romantismo”, da mesma forma que os livros românticos jamais perdem de vista o seu “herói”, contudo sem a necessidade de tornar estático o ético e o estético. Ao lermos as pesquisas/livros de Luria, percebemos o esforço do autor no desenvolvimento de uma perspectiva clínica aguçada que funde traços das patologias com traços da personalidade individual dos sujeitos, sem que a patologia ofusque a condição humana dos sujeitos.

O próprio Luria comenta sobre essa relação, ao dizer que tentou seguir as pegadas de Walter Pater em *retratos*

imaginários. Só que uma diferença crucial, no caso de Luria, é que os sujeitos dos seus grandes livros biográficos, Shereshevsky e Zasetky não eram imaginários, isto fica particularmente claro quando abandona sua vontade de escrever um terceiro livro, pois teria que

“[...] encontrar um indivíduo com qualidades excepcionais – um superdesenvolvimento de uma determinada característica, ou o distúrbio de alguma função primária – Que tenha causado completa mudança de personalidade. Tem-se passar décadas acompanhando este retrato não imaginado, isolando fatores decisivos e passo a passo construindo a síndrome completa. Infelizmente, não tenho essa oportunidade” (LURIA, 1992:192).

No entanto, ressaltamos que a forma como Luria (1992) narra a sua história de vida em sua biografia⁵ também pode ser analisada sobre o prisma dos fundamentos da ciência romântica: seus relatos demonstram seu constante diálogo humano com os dilemas da psicologia e mesmo a importância da perspectiva histórico-cultural em sua clínica.

4. A NARRATIVA LURIANA EM DOIS MOMENTOS – UMA ANÁLISE BAKHTINIANA

Como já dito anteriormente, nos ateremos neste texto a apenas duas obras do autor, buscando dialogar constantemente com as reflexões do Círculo de Bakhtin, autores que consideramos relevante por subsidiar uma análise da composição dialógica das vozes que compõe os textos literários, bem como de buscar compreender as relações entre arte e vida. Tais concepções estão em consonância com os estudos em vertente histórico-cultural em educação que vem sendo realizados e que tem se utilizado da narrativa como método científico, principalmente no estudo relacionado à formação de professores (apesar de não se restringir a ele).

⁵ Original de 1975

Para isso, é preciso explicitar o que significa partir de um ponto de vista bakhtiniano para abordar a narrativa como método para, em seguida, discutir sua validade atual nos estudos em ciências humanas em geral e nos estudos educacionais, especificamente. Primeiramente, ao abordar *bakhtinianamente* a narrativa, significa considerá-la um enunciado constituído de enunciados:

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou o tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos dos outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão) (BAKHTIN, 2003:275).

Com esta noção de enunciado articularemos o conceito de gênero discursivo, imprescindível para este trabalho. Ainda que cada enunciado seja único e singular, há características que se reiteram a cada ato, que conferem relativa estabilidade a cada campo de utilização da língua (Bakhtin, 2003). A natureza dos gêneros é heterogênea e sua constituição pode conter enunciados orais, escritos, de cunho jurídico, artístico, cotidianos, etc. Não se trata de mera forma, mas de uma prática social, contextualizada.

Bakhtin (2003) propõe uma divisão entre gêneros primários e secundários. Estes últimos seriam considerados mais complexos por incorporar e reelaborar o gênero primário, que seria mais simples. Apesar de ser considerada uma divisão dinâmica, podemos dizer que neste artigo estudaremos um gênero secundário específico, o gênero literário. Uma característica principal deste gênero é a perda do vínculo imediato com a realidade concreta dos enunciados, apesar deste distanciamento poder ser de diversos graus (como será abordado na análise de cada obra).

Como características gerais, podemos dizer que a narrativa romântica luriana parte da observação cuidadosa de seus personagens e tem como objetivo estabelecer uma rede de relações que cumpra o objetivo clássico explicativo, sem perder de vista a romanticidade dos fatos, a multiplicidade de detalhes articulados e a riqueza do objeto.

Como já abordamos anteriormente, os próprios heróis não foram escolhidos a esmo, pode-se dizer, até, que foram os heróis que escolheram seu autor: seus personagens eram considerados *extraordinários*, indivíduos com qualidades excepcionais, tal como Shereshevsky – característica valorizada pelo autor – e/ou apresentaram mudanças drásticas e singulares de vida após o acidente sofrido – como é o caso de Zasetsky, personagem de um dos livros.

Ainda que saibamos das habilidades peculiares dos personagens, sem compreendermos a relação entre autor-herói dentro dos dois livros escolhidos – aos quais o autor classifica como “biográficos” – dificilmente conseguiremos entender as nuances da narrativa de Luria. É preciso perceber como as descrições clínicas dos casos misturam-se com as observações do autor, com a inserção do seu pensamento, sempre em diálogo com o herói do livro e, em alguns casos, passando a palavra para ele.

Retomamos essa relação a partir do tema da autoria em Bakhtin, um tema presente em diversos momentos da sua obra. Segundo Faraco (2009), a distinção entre autor-pessoa e autor-criador já está presente nos escritos bakhtinianos do início da década de vinte (provavelmente entre 20 e 22). O autor-criador é entendido como uma unidade que, com seu posicionamento valorativo, pode conferir acabamento estético ao todo (do personagem e da obra), fazendo ele mesmo parte do plano axiológico da obra. De acordo com Faraco (2009:38):

O autor criador é, assim, uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; e refratante porque é a partir dela que se recorta e se reordena esteticamente os eventos da vida.

Para a personagem, de acordo com Bakhtin (2003), o todo que a conclui não pode ser dado por ela mesmo, já que este todo não lhe pertence como consciência. Pertence a outra consciência ativa, pertencente ao autor (2003:11):

A consciência do autor é a consciência da consciência, isto é, a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem, que abrange e conclui essa consciência da personagem com elementos por princípio transgredientes a ela mesma e que, sendo imanentes, a tornariam falsa. O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e nesse excedente e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo da obra.

No caso mais específico de Luria, por tratar-se não somente de uma obra literária mas também científica, seu conhecimento sobre a ciência neuropsicológica amplia este “excedente de visão” para além dos conhecimentos do personagem, mas também o suficiente para guiar e surpreender o leitor. Mesmo a utilização do discurso direto parece querer demonstrar com veracidade a fala do herói tal qual ela chegou até o autor, para que daí ele possa nos mostrar coisas que são surpreendentes, justamente pelo seu caráter *extraordinário*.

O caráter biográfico é outra característica comum destas obras. De acordo com Ponzio (2013), enquanto a sátira prevê um distanciamento entre o autor e o herói, a forma da biografia prevê uma aproximação entre autor e herói, que variam de acordo com a relação entre o autor e o destinatário (se este é aliado, testemunha, juiz, etc...). Mas tal aproximação leva em consideração a posição *exotópica* do autor. A aproximação não ocorre com o autor-criador, mas

com o autor-homem. Conforme Ponzio (2013:70): “Através do herói e do autor-homem os valores extra artísticos, conectados a uma determinada situação cultural, penetram na obra e ali a encontram, graças a posição de autor-criador, da expressão estética”.

Após uma breve explicação sobre as características do gênero em questão, bem como a importância da obra para o estudo neuropsicológico e para a ciência romântica, passamos a uma breve análise dos livros propriamente ditos, buscando ressaltar a importância da narrativa para a compreensão quanto para a caracterização dos casos apresentados.

4.1 A MENTE E A MEMÓRIA – UM PEQUENO LIVRO SOBRE UMA VASTA MEMÓRIA

Um indivíduo vive num mundo de pessoas e coisas: ele vê objetos, ouve sons, apreende o sentido das palavras. As experiências de S. eram como as de qualquer homem comum, ou seu mundo terá sido muito diferente do nosso? (LURIA, 2006:63).

O trecho em epígrafe aparece no primeiro livro de Lúria⁶ que possa ser considerado romântico e tem como personagem principal um sujeito chamado S. V. Shereshevsky, um homem com uma memória excepcional, que se torna mnemonista com o passar dos anos. Entretanto, Lúria insiste em dizer que este livro não é sobre a memória, e sim, como este tipo especial de memória (sinestésica, eidética, complexa) influenciava a personalidade de um homem.

Não à toa, o livro começa com uma citação de Lewis Carroll e em seu decorrer, após o capítulo específico sobre a memória, Lúria retoma a estranheza e familiaridade de Alice: “Aqui começa um relato de fenômenos tão intrigantes que muitas vezes ficaremos com a mesma sensação que a pequena Alice teve depois de escorregar pelo espelho e encontrar-se num estranho país das maravilhas” (LURIA, 2006:62).

⁶ Original de 1968.

No decorrer do livro notamos esta tentativa de Luria de descrever diferentes pontos de vista, diferentes momentos de S., que vão desde a avaliação clínica de memória até as recordações da primeira infância, chegando aos traços da personalidade de Shereshevsky. Capítulo a capítulo, a autor parece costurar com sabedoria um intrigante caminho pelo *modus operandi* de S.

Tal costura é realizada incorporando registros do próprio S. realizados em primeira pessoa, de maneira direta, garantindo um espaço para a palavra do herói, que é articulada não somente nas possíveis explicações (ou teses) de Luria, mas também nos trechos que garantem uma áurea de estranheza frente ao seu mundo.

Para explicar melhor o vínculo entre os parágrafos dentro da obra, vejamos primeiramente um exemplo do enunciado do autor constituído por um relato de S., e logo após um parágrafo em que o autor escreve sobre a palavra de S.:

Quando eu tinha dois ou três anos, ensinaram-me as palavras de uma prece em Hebraico. Eu não as entendia, e o que aconteceu foi que as palavras instalaram-se na minha mente como pequenas nuvens de vapor e de borrões... Até hoje vejo essas pequenas nuvens ou borrões quando escuto certos sons (LURIA, 2006:18).

Ao seguir, no parágrafo seguinte, Luria (2006) comenta a fala de S., de tal forma que parece explicar as peculiaridades do herói, de um ponto de vista clínico:

Reações sinestésicas desse tipo ocorriam sempre que se pedia a S. para escutar tons. As mesmas reações, embora um tanto mais complicadas, ocorriam com sua percepção de vozes e sons da fala (LURIA, 2006:18).

Nem sempre o diálogo constituído entre os parágrafos seguem a mesma lógica, às vezes o autor demonstra sua própria dificuldade de compreender o comportamento de S., como demonstramos a seguir:

Afinal de contas, como poderia S. adaptar-se a impressões que mudavam tão rapidamente, quando as imagens que delas emergiam eram tão vivas que podiam facilmente tornar-se realidade para ele? (LURIA, 2006:133).

Ao reportar a palavra de S., esta se reveste por um grau de dialogicidade elevado, típico do gênero literário, pois tal palavra é figurada (PONZIO; 2013), ela torna-se indireta e passa a lançar uma nova luz sobre o gênero primário. Pode-se dizer até que a voz do herói, quando incorporada por Luria, torna-se mais dialógica do que a sua própria voz, pois carrega em si significações do próprio Shereshevsky, já que, de acordo com Bakhtin, o discurso reportado guarda em si uma certa autonomia:

A palavra outra é considerada, pelo falante, enunciação de um outro sujeito, uma enunciação, na origem, totalmente independente, construtivamente completa e situada fora do contexto dado. É desta existência independente que a palavra outra é transferida para o contexto do autor, conservando, ao mesmo tempo, seu conteúdo temático e ao menos os rudimentos de sua integridade linguística e da independência originária de sua construção (VOLOSHINOV, BAKHTIN, 2011: 70).

Em dado momento da obra, o próprio dilema da ciência romântica é colocada em questão, o que, a nosso ver, reafirma sua preocupação em valorizar a narrativa como um método científico de plena eficácia. Apontando os dilemas de sua ciência, Luria (2006:140) clama por uma psicologia “capaz de lidar com os aspectos realmente vitais da personalidade humana”, o que reafirma o caráter ético e estético presentes neste gênero:

O desenvolvimento de tal psicologia é uma tarefa para o futuro, e nos dias atuais fica difícil dizer de quantas décadas precisaremos para conseguir realizá-lo. Pois o progresso necessário para que tenhamos uma psicologia científica da personalidade implica

vários desvios da linha principal de estudo, muitas áreas de pesquisa que irão mostrar-se de difícil abordagem. [...] Talvez este relato de um homem que “via” tudo possa ter dado sua contribuição para o difícil percurso que temos pela frente (LURIA, 2006:140).

Por fim, o caráter literário e extraordinário desta obra garante comparações constantes com o conto de Borges chamado *Funes, o memorioso*, nos lembrando, em ambos, a importância do esquecimento para que possamos fazer novas associações, reorganizações, reafirmando o caráter dinâmicos das relações entre a linguagem e a memória.

4.1 O HOMEM COM UM MUNDO ESTILHAÇADO

Na segunda obra⁷ em questão neste artigo, intitulada “O homem com um mundo estilhaçado”, o homem apresentado é Zasetzky que, após levar um tiro na cabeça em meio a guerra, em 1942, apresenta diversas características consideradas únicas pelo autor e demonstra-se angustiado para voltar a ser o que era. O contexto deste livro trata da segunda guerra mundial, que proporcionou, devido a trágica incidência de danos cerebrais, a busca pela compreensão e tratamento destes pacientes⁸.

Assim como no livro anterior, é difícil, a primeira vista, não refletir sobre como narração do próprio paciente é carregada com a dialogicidade empregada pelo autor na relação com o discurso de outrem, que contribui para preservar a autenticidade dos fatos se utilizado do discurso das enunciações biográficas do personagem. No entanto, percebemos a profundidade da marca autoral de Luria, mesmo nos trechos escritos por Zasetzky, no seu aspecto estrutural com relação a obra: a apresentação não cronológica dos fatos

⁷ Original de 1972

⁸ Como ressalta Oliver Sacks (Luria, 2008), no prefácio deste livro, o autor publicou uma série de livros clássicos sobre o tema.

– mas sim guiadas pelos tópicos abordados por Lúria – nos entrega a importância do minucioso trabalho de reconstrução de uma história de vida.

Certos capítulos do livro são apresentados por Lúria, tal como este preparasse o campo para os escritos do paciente. Em alguns momentos este se aproxima do gênero científico da investigação médica clássica – Vejamos o trecho inicial do capítulo “Excerto da história do caso n.3.712”, em que tanto estilo quanto as escolhas lexicais reafirmam o papel do autor do texto quanto neuropsicólogo:

O subtenente Zasetzky, de 24 anos de idade, em 2 de Março de 1943, sofreu na cabeça um ferimento a bala que penetrou na área parieto-occipital esquerda do crânio. O ferimento foi seguido de um coma prolongado e, apesar do pronto atendimento num hospital de campanha, teve complicações posteriores por inflamação de que resultaram aderências no cérebro as meninges e causaram alterações acentuadas nos tecidos adjacentes (LURIA, 2008:41).

O livro é permeado de “digressões sobre neuroanatomia e função cerebral, de tal modo lúcidas e simples, que não podem ser melhoradas” (Sacks, 2008: 15). Estes momentos também servem para traduzir os acontecimentos clínicos ao leitor, criando a possibilidade neste de compreender a situação do personagem frente a sua dificuldade, conforme podemos perceber no trecho abaixo:

Suponhamos que se peça a uma pessoa que olha uma figura de um par de óculos. O que é que ela vê? Um círculo, depois outro, a seguir uma barra transversal e, finalmente, duas partes anexas em formato de bengala. Seu palpite é: deve ser uma bicicleta. Este paciente não consegue perceber os objetos, embora possa distinguir cada um de seus traços. Ele sofre de uma desordem complexa, para a qual os médicos usam uma expressão que combina latim e grego – “agnosia óptica” (incapacidade de compreender o significado dos estímulos visuais) (LURIA, 2008:47).

Esta história somente é possível porque, mesmo com todas as probabilidades contra o personagem, como diz Luria (2008), de um sujeito com profunda amnésia e afasia, portanto fragmentado, Zasetky retoma um sentido para sua vida por meio de uma narrativa biográfica laboriosa. Seus escritos eram registrados a medida que surgiam, sem expectativas que depois permanecessem em sua memória. Neste caso, além dos registros, a organização tenaz dos escritos remonta a recuperação da vida estilhaçada.

Podemos dizer que Luria entrega para seu personagem a tarefa de contar sobre sua própria história, tomando como determinante o acidente que modificou profundamente sua vida, o que leva o personagem a dizer tanto sobre suas perspectivas anteriores quanto como este se vê depois do trágico acontecimento.

Minha mente era o tempo todo uma completa desordem e confusão, meu cérebro parecia muito limitado e fraco. Antes eu costumava funcionar de modo muito diferente. Estou permanentemente dentro de uma espécie de neblina, como um pesado meio-sono. Minha memória é um vácuo. Não consigo pensar em uma só palavra. Tudo o que atravessa minha mente são algumas imagens, visões enevoadas que aparecem de repente e também de repente desaparecem, dando lugar a outras imagens novas. Mas simplesmente não consigo compreender ou lembrar o que elas significam (LURIA, 2008:32).

Ao trazer enunciados como o acima destacado, Luria demonstra sua preocupação em expor como este paciente se vê – um provável recurso para sensibilizar o leitor a compreender as singularidades deste caso – mostrando como o próprio paciente após o acidente sofrido e seu sofrimento por não ser mais quem era. Há, portanto, um tratamento estético possibilitado pela posição exotópica dado as memórias de seu paciente e que são guiados pelo autor em seu excedente de visão. De acordo com Bakhtin:

[...] a fórmula geral da relação basilar esteticamente produtiva do autor com o personagem - relação de uma tensa distancia do autor em relação a todos os elementos da personagem. De uma distancia no espaço, no tempo, nos valores e nos sentidos, que permite abarcar *integralmente* a personagem, difusa de dentro de si mesmo e dispersa no mundo preestabelecido do conhecimento e no acontecimento aberto do ato ético, abarcar a ela e a sua vida e completá-la até fazer dela um todo com os mesmos elementos que de certo modo são inacessíveis a ela mesma e nela mesma: Com a plenitude da imagem externa, o fundo que está por trás dela, a sua relação com o acontecimento da morte e do futuro abstrato etc., justificá-la e acabá-la desconsiderando o sentido, as conquistas, o resultado e o êxito de sua própria vida orientada para o futuro. (BAKHTIN, 2003:12).

Por fim, os estilhaços vão sendo reunidos e organizados pela consciência do autor de forma que, ao fazer sentido para o personagem, deixam transparecer tentativa de dar acabamento a uma história repleta de incompletudes e de lacunas, mas também de luta e de vitórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos aqui a importância da narrativa como métodos em pesquisas realizadas na vertente histórico-cultural e, sobretudo, relacionam-se aos estudos de Vygotsky. De certa maneira, podemos dizer que, enquanto Luria preocupou-se com a investigação do desenvolvimento psicológico a partir de sujeitos adultos excepcionais – quer por sua grande memória ou por seu funcionamento cerebral atípico – Vygotsky concentrou-se, sobretudo no estudo do desenvolvimento infantil, mas que o trabalho metodológico de ambos os autores assemelham-se e dividem diversos contextos – em alguns casos, chegando a se confundir.

Freitas (2010), autora que também se relaciona à vertente histórico-cultural – tem sido grande defensora da narrativa como metodologia científica nas pesquisas em

educação. Segundo a autora, não se trata apenas de um excelente instrumento metodológico na investigação em ciências humanas, mas também um espaço de encontro entre os sujeitos. Um método que permite não apenas descrever, mas também explicar a realidade – o que supõe uma intervenção ativa na realidade. Assim, a pesquisa que se vale desta metodologia busca compreender os eventos investigados, mas não como eventos isolados: ela procura suas relações, integra o indivíduo em questão com o social. Essa relação ocorre através das palavras deste sujeito, via narrativa.

Mais uma vez retomamos Bakhtin (2003:55), ao afirmar que “o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante”, isto é, o homem que se expressa e que busca uma resposta, uma compreensão. Em ciências humanas, segundo o autor, se não há texto, não há objeto para investigação, não se pode transformar o homem em objeto mudo, passível de analisado e descrito tal qual não fosse possível conversar com ele.

As duas obras aqui descritas deixam claro que a imensa capacidade de Luria de unir o conhecimento técnico-científico ao relato detalhado e sensível de seus pacientes, posicionando-se com ética e responsabilidades que ultrapassa o *modus operandi* de sua profissão. Esta característica fica claro no comentário de Bruner (2006:X), ao dizer que o primeiro livro aqui analisado não é apenas um clássico da literatura clínica sobre a memória, mas, também, um livro que demonstra humanidade e compaixão: “não foi apenas a acuidade técnica das observações de Luria que fez deste livro um sucesso, mas a qualidade humana, a compaixão do autor ao reconhecer o infortúnio de seu paciente”.

O mesmo também fica claro, no caso do segundo livro, no prefácio escrito por Oliver Sacks (2008) ao dizer que Luria admira Zasetky como o grande lutador que enfrentou os infortúnios de seu cérebro lesado, considerando-o vitorioso em sua luta, a despeito da sua condição clínica. Ainda neste prefácio, O. Sacks comenta, acerca dos trabalhos de Luria, que

“uma vida, uma vida humana, não é uma vida até que seja examinada, até que seja verdadeiramente lembrada e apropriada; e que essa lembrança não é algo passivo, mas sim ativo, a construção ativa e criativa daquela vida, a descoberta e o relato da verdadeira história daquela vida” (SACKS, 2008:17).

É esta narrativa de vida que, ao contrário do que vem sendo realizado pela grande maioria da Neurociência atual, Luria fez questão de defender e registrar – de forma criteriosa e extremamente comprometida – nos casos que publicou: sem jamais esquecer que há um sujeito único, em uma situação única e que vale a pena ser apresentado aos demais.

Na esteira dos trabalhos de Luria vieram diversos outros. O comprometimento e cuidado com o detalhe dos casos que Luria defendeu ser fundamental nas ciências ressurgiu, cada um ao seu modo, em autores do próprio campo das ciências da saúde, como é o caso de Oliver Sacks, mas também pode ser observado em diversas outras áreas das ciências humanas, como os estudos da Linguagem e também na área de Educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*, Martins Fontes, São Paulo, 2003.

BRUNER, J. S. Prefácio. In: LURIA, A.R. *A mente e a memória: Um pequeno livro sobre uma vasta memória*. Ed: Martin Fontes, São Paulo, 2006.

FARACO, C. A. *Linguagem e Dialógo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*, São Paulo: Parábola, 2009.

FREITAS, M. T. Pesquisa na abordagem histórico-cultural: Um espaço educativo de constituição de sujeitos, *Revista TEIAS*, V.10, N. 19, 2009.

LURIA, A. R. *O homem com um mundo estilbaçado*, Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 2008.

LURIA, A. R. *A construção da mente*, Ed: Ícone Editora, São Paulo, 1992.

LURIA, A.R. *A mente e a memória: Um pequeno livro sobre uma vasta memória*. Ed: Martin Fontes, São Paulo, 2006.

NOVAES-PINTO, R. C. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, SP. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000224716>, 1999.

PONZIO, A. *No círculo com Mikhail Bakhtin*. São Carlos: Pedro e João, 2013.

SACKS, O. Prefácio. In: LURIA, A. R. *O homem com um mundo estilhaçado*, Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 2008.

VOLOSHINOV, V. N. BAKHTIN, M. M. *Palavras própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos, Ed. Pedro e João, 2011.

Recebido em 03/09/2019
Aprovado em 03/09/2019

